

Obrigações pequeninas...  
 Nenhuma deixes sem trato.  
 Picada de maribondo  
 Castiga onça no mato.

Beleza, glória, alegria...  
 Não tomes festas em vão.  
 A festa desgovernada  
 E' carro de contra-mão.

Humanidade — um só povo  
 Diante da vida imensa.  
 Esforço de cada um —  
 Medida de diferença.

#### NOVENTA CRUZEIROS

Toc, toc... vai lá Adão Passoca  
 — Coronel da fazenda enorme e rica —,  
 Vai cobrar uma conta da botica  
 À pobre cozinheira Nhá Candoca.

A velhinha, deitada na maloca,  
 Pede prazo mais longo... Chora e explica.  
 Sente febre, tem fome, sua em bica,  
 Almoça e janta milho de pipoca...

O Coronel nervoso ergue o cajado,  
 Esbraveja mostrando o punho irado  
 E, a expulsá-la da choça, espuma e berra...

Mas de tanto gritar, rude e mordente,  
 Por noventa cruzeiros simplesmente,  
 Cai fulminado e roxo sobre a terra.

Ninguém consegue alterar  
A força deste preceito:  
Quem mal começa o que faz  
Nunca termina direito.

Caridade que deseje  
Transformar-se em vida sã,  
Se tem auxílio que dar  
Não deixe para amanhã.

Felicidade reclama  
Que o homem faça direito  
Não aquilo que se quer  
Mas o que deve ser feito.

## ESCONJURO

*Espantemos a ignorância com o Espiritismo, neste mundo e no outro.*

Depois de morto, o Tonho Fazendeiro,  
Ricaço do Varjão de Tapiruva,  
Deu de morar num galho de criúva  
E assombrar as galinhas do terreiro.

Roncava ser grandão e mandachuva,  
Xingava e gargalhava o dia inteiro,  
Queria terra e sacos de dinheiro,  
A debochar das preces da viúva.

Certa noite surgiu sobre o sarilho  
O Espírito do pai que disse: — “Filho,  
Deus te abençoe, meu filho, meu Antônio!”

Mas Nhô Tonho correu pulando um muro,  
Berrou que nem cabrito: — “Te esconjuro!”  
Pensando que o pai dele era o demônio...